

## GEORGE F. KENNAN E A POLÍTICA DE “CONTENÇÃO” DA GUERRA FRIA

Andrea M T. PENNACCHI<sup>1</sup>

**RESUMO:** Por meio da análise do campo intelectual e político configurado na última metade da década de 1940, pretende-se investigar o modo como o discurso institucional elaborado por George F. Kennan – historiador, diplomata de carreira e especialista em assuntos soviéticos - foi apropriado por uma fração da classe dominante norte-americana para dar origem à política de contenção ao expansionismo soviético praticada pelos Estados Unidos durante a Guerra Fria. Pretende-se fazê-lo pesquisando os laços de interdependência existentes entre os campos político e intelectual em que Kennan estava inserido e investigando se e *como* essas relações contribuíram para consolidar o poder do atual complexo industrial-militar norte-americano.

**Palavras-chave:** George F. Kennan. Contenção ao expansionismo soviético. Guerra Fria.

### DESENVOLVIMENTO

A Guerra Fria foi um peculiar confronto ideológico ocorrido entre União Soviética e Estado Unidos, que teve em George F. Kennan um de seus principais mentores intelectuais. Funcionário de carreira do Departamento de Estado, entre 1944 e 1946 ele assumiu a função de vice-chefe da missão diplomática americana sediada em Moscou e no final desse período, enviou ao Secretário de Estado,

---

<sup>1</sup>A autora é Mestre e Doutoranda em História e Sociedade pela UNESP – Assis/SP e docente das Faculdades Integradas Antonio Eufrásio de Toledo–Pres. Prudente/SP. Esse artigo é parte de sua tese de Doutorado. Contato: [andreapennacchi@terra.com.br](mailto:andreapennacchi@terra.com.br)

James Byrnes, um relatório analisando o contexto internacional e arriscando previsões sobre o comportamento soviético em relação ao Ocidente no pós-guerra.

Baseado em suas observações, Kennan considerava a União Soviética muito fraca para arriscar-se a uma nova guerra para ampliar sua influência sobre os países democráticos, mas a acreditava capaz de expandir-se para o Ocidente por meio de subversão sob a liderança dos partidos comunistas controlados por Moscou, principalmente nos países desmoralizados e devastados pelo conflito que acabara de se encerrar.

Conforme narra posteriormente em suas Memórias<sup>2</sup>, Kennan acreditava que as ações de Moscou no cenário internacional apoiavam-se prioritariamente nas necessidades autocráticas e pessoais de Stalin. Ou seja, que o ditador soviético se valia da ideologia comunista para criar um ambiente externo hostil ao capitalismo.

Ao promover um discurso político privilegiando a eminência de agressões das democracias ao seu regime, Stalin buscava justificativas para a ferocidade da ditadura interna que exercia - e ao mesmo tempo, enquanto procurava manter a respeitabilidade moral e intelectual do marxismo externamente, podia continuar dedicando-se ao expansionismo.

Para evitar um confronto direto que seria improdutivo - e muito improvável entre as duas potências vencedoras da 2ª. Guerra - Kennan sugeria aos seus superiores que os Estados Unidos usassem de pressão econômica sobre as nações industrializadas na Europa Ocidental e na Ásia, ajudando sua reconstrução no pós-guerra e ao mesmo tempo, fortalecendo as instituições democráticas que as sustentavam. Essa pressão deveria ser suficiente para “conter” a ameaça soviética com um estratégico equilíbrio de poderes e teria um caráter diplomático e sutil enquanto aguardavam a dissolução natural do regime stalinista que, ele acreditava, estava isolado, enfraquecido e destinado a desintegrar-se.

Assim que chegou aos canais políticos de Washington, o ‘longo telegrama’ de Kennan chamou a atenção do então Secretário da Marinha, James

---

<sup>2</sup> Kennan, *Memoirs: 1925-1950*, pp. 292-295

Forrestal<sup>3</sup>, membro de uma facção governista que advogava uma política de endurecimento nas relações com a União Soviética e que pessoalmente, preocupava-se de forma quase paranóica com uma eventual expansão do comunismo em áreas de influência capitalista como Ásia e África.

Atraído pela conotação militarista que julgou identificar no relatório, Forrestal procurou trazer Kennan de volta para Washington e reforçou sua indicação para a chefia do recém criado Gabinete de Planejamento Político<sup>4</sup>, o mais importante braço estratégico do Departamento de Estado.

Em julho de 1947, logo após sua volta aos Estados Unidos, Kennan publicou na revista *Foreign Affairs*<sup>5</sup> um artigo que reforçava as idéias lançadas em seu telegrama e adicionava outras, um pouco mais contundentes, em relação à Moscou. Reafirmava seu conceito de que Stalin advogava uma revolução contra o “cerco das forças capitalistas” para reforçar seu próprio poder e defendia a idéia de que os Estados Unidos “*deveriam criar uma política paciente, firme e vigilante de contenção às tendências de um eventual expansionismo soviético*”<sup>6</sup>, já que só vias diplomáticas seriam ineficientes para lidar com o obstinado expansionismo de Moscou.

Além disso, ele também dizia que aos Estados Unidos cabia assumir essa “contenção” de forma solitária e unilateral. Essa tarefa não poderia de forma alguma afetar a estabilidade econômica ou a política interna norte-americana, mas assegurava que, se fossem bem sucedidos em conter a pressão soviética contra as instituições livres do mundo ocidental em regiões geopolíticas estratégicas, contrapondo-se a cada uma das manobras do socialismo, a pressão sobre o Partido

---

<sup>3</sup>James Forrestal trabalhou com publicidade política para o partido Democrata e ajudou a eleger F.D. Roosevelt. Em 1940 foi nomeado Sub-Secretário da Marinha, assumindo o posto de titular em 1944. Tinha uma preocupação neurótica com o comunismo e com a perigosa atração ideológica que este poderia exercer sobre os países dizimados e desestabilizados pela guerra na Europa e na Ásia. Em 1947, James Forrestal foi nomeado o primeiro diretor do recém criado Departamento de Defesa dos Estados Unidos.

<sup>4</sup> O Gabinete de Planejamento Político (*Political Planning Staff/PPS*) foi criado em 1947 com a finalidade de ser uma fonte independente de análise política e de aconselhamento para o Departamento de Estado. De acordo com o New York Times, como uma organização *think-thank*, o PPS deveria preocupar-se com tendências gerais e ser capaz de encontrar relação entre vários elementos de um problema, prever dificuldades, formular planos mundiais a longo prazo e em geral, juntar tudo isso para, com objetividade, promover a defesa de interesses norte-americanos nas relações internacionais. (ATKINSON, 1947)

<sup>5</sup> KENNAN. G. F. "X," *The Sources of Soviet conduct*. In **Foreign Affairs**, XXV (July, 1947),

<sup>6</sup> *Ibidem*, p. 575-576.

Soviético seria tão forte que resultaria "ou no desmoronamento, ou na gradual dissolução de seu poder<sup>7</sup>."

Uma das maiores polêmicas da Guerra Fria foi levantada a partir dessa publicação, pois quando a mídia identificou em seu autor o recém nomeado chefe do Gabinete de Planejamento Político do Departamento de Estado de Truman, suas idéias foram tomadas como representativas daquela Administração.

Entretanto, segundo narrado por Kennan em suas memórias, o artigo não evidenciava um maior favorecimento aos métodos militares em detrimento dos de caráter político e econômico, como agentes de contenção:

(...) minhas idéias foram distorcidas por pessoas que as compreenderam e perseguiram como se seu caráter fosse exclusivamente militar; e penso que isso, mais que qualquer outra coisa, levou aos 40 anos de uma Guerra Fria assustadora, inútil, dolorosa e cara". (KENNAN, 1992) tradução da autora".

Alguns meses depois, em meados de 1948, na chefia do Gabinete de Planejamento Político, uma nova avaliação do *status* soviético no cenário internacional levou Kennan a convencer-se de que a União Soviética não representava mais os mesmos riscos para a democracia, pois parecia evidente que Stalin mantinha-se no Partido à custa de um enorme esforço de repressão e que as dificuldades econômicas na reconstrução dos países comunistas devastado pela guerra, se contrapunham dolorosamente aos resultados positivos obtidos no Ocidente com o Plano Marshall.

Tendo em vista essa nova configuração internacional, Kennan aconselhou aos seus superiores no Departamento de Estado que as negociações diplomáticas com Moscou fossem novamente retomadas e que estratégias políticas e econômicas passassem a ter prioridade sobre as ações militares em andamento<sup>8</sup> mas desta vez, as recomendações que haviam sido tão vigorosamente saudadas

---

<sup>7</sup> Ibidem, p. 566-582

<sup>8</sup> Como por exemplo, as dotações orçamentárias para o recém criado Ministério da Defesa, a continuidade das pesquisas nucleares em *Los Alamos*, ou as *joint ventures* firmadas entre governo e indústria bélica que deram início ao complexo industrial-militar norte americano.

anteriormente por James Forrestal, não tiveram qualquer repercussão entre os Falcões<sup>9</sup> da Administração Truman.

Após uma série de desencontros entre suas propostas - de caráter econômico-político - e as dos Secretários do Departamento de Estado Dean Acheson e, posteriormente, John Foster Dulles - mais militaristas em relação aos soviéticos - Kennan finalmente solicitou seu afastamento do Conselho de Planejamento Político em 1949, tendo sido substituído por Paul Nitze<sup>10</sup>, um funcionário público bem mais afinado com a postura agressiva que vinha sendo adotada pelo governo.

Desgostoso por ter seus escritos apropriados equivocadamente e por se ver tão intimamente associado a uma corrida armamentista que abominava, posteriormente à sua saída do governo, Kennan procurou justificar-se perante a História afirmando em uma entrevista que sua proposta política de contenção fora mal interpretada por alguns membros do governo Truman e

“(...) isso aconteceu por minha própria culpa. Tudo se resume em uma sentença no artigo “X”, onde eu digo que sempre que essas pessoas, querendo dizer a liderança soviética, nos confrontassem com hostilidade em qualquer parte do mundo, nós deveríamos fazer tudo o que fosse possível para contê-los, para não deixá-los expandir-se. Eu deveria ter explicado que não suspeitava de nenhum desejo deles em nos atacar. Isso aconteceu logo após a guerra e era absurdo supor que eles estavam pretendendo atacar os Estados Unidos. Não achei que fosse necessário explicar isso, mas obviamente, era o que deveria ter feito.” (GERGEN, 1996)

Por quê? O que havia mudado? Por que o governo Truman e todos os que o sucederam haveriam de comprazer-se em manter uma estrutura militar “assustadora, inútil, dolorosa e cara” quando isso aparentemente já não era mais necessário? Que tipo de interesses estiveram em jogo nos bastidores de Washington durante os cinco anos que sucederam à 2ª Guerra e como se refletiram

---

<sup>9</sup> O uso do termo Falcão, ou *hawk* na política norte-americana descreve políticos - em geral republicanos - com posições agressivas em relação à guerra e que exigiam posição mais firme do governo ou de organizações econômicas nacionais, em relação a seus pares internacionais.

<sup>10</sup> Paul Nitze serviu sob James Forrestal quando este era assistente da Administração Roosevelt e sempre se distinguiu nos assuntos relacionados a segurança nacional e armamentos. Assumiu o cargo de diretor de Planejamento Político no Departamento de Estado entre 1950-1950, após a saída de Kennan. Foi o principal autor do NSC-68, um relatório elaborado a pedido do Presidente Truman em 1950, que fazia um levantamento completo do cenário internacional e da União Soviética e continha recomendações militares (e nucleares) estratégicas para ampliar os gastos militares e conter a ameaça do expansionismo soviético.

no fortalecimento do poder militar norte-americano ao longo da segunda metade do século XX?

De que forma e por que Kennan, um intelectual e especialista em Rússia, posicionado de forma privilegiada no Departamento de Estado, teve sua análise sobre o comportamento soviético aplaudida na reconfiguração do cenário internacional do pós-guerra e posteriormente, deslanchado o trem dos eventos, uma reavaliação dessa análise foi descartada pela facção política militarista que ocupava altos cargos em Washington?

As contradições na vida desse historiador são muitas, mas nem por isso diminuem sua importância como protagonista na inspiração da política externa adotada pelos Estados Unidos durante toda a segunda metade do século XX, nem seu papel de acadêmico crítico à sua aplicação pelos governantes que sucederam D. W. Eisenhower.

Pelas funções que desempenhou no Departamento de Estado, Kennan posicionou-se politicamente de forma privilegiada, cabendo-lhe sugerir intervenções em alguns momentos cruciais das relações russo-americanas, apoiado pelo prestígio que lhe conferia seu reconhecido capital intelectual. E foi esse prestígio - pois não possuía posição social, ou econômica para tanto - que lhe facilitou a passagem do campo intelectual para o campo político, num momento que o governo norte-americano necessitava de cérebros capazes para reconfigurar o cenário internacional do pós-guerra.

Assim, interpretar a complexidade de George F. Kennan como protagonista histórico e como intelectual crítico de uma era, bem como identificar seu papel nas origens de um conflito que por meio século afetou a política, a economia e a sociedade mundial, transformando-as radicalmente e instituindo novas regras de convivência internacional, não é uma tarefa simples ou superficial, exigindo uma metodologia de pesquisa bem mais abrangente do que a tradicionalmente utilizada pela historiografia que, segundo Pierre Bourdieu

“(…) só consegue perceber uma porção restrita do horizonte social e em conseqüência, não é capaz de apreender em sua verdade o ponto de vista de onde são captadas todas as visões em perspectiva do campo intelectual ou político que apresentam ou analisam.” (BOURDIEU, 1997, p. 190)

Para ele, a verdadeira análise biográfica não deveria apoiar-se na indagação de “*como tal escritor chegou a ser o que é*”, mas sim,

“*o que* as diferentes categorias de escritores de uma determinada época e sociedade deveriam ser, do ponto de vista do habitus socialmente constituído, para que lhes tivesse sido possível ocupar as posições que lhes eram oferecidas por um determinado estado do campo intelectual e, ao mesmo tempo, adotar as tomadas de posição estratégicas ou ideológicas objetivamente vinculadas a essas posições” (Grifo nosso, BOURDIEU, idem)

Nessa perspectiva, permitimo-nos indagar como se apresentavam os campos em que Kennan iria atuar naqueles momentos do pós-guerra e que influências estratégicas ou ideológicas estiveram presentes em sua trajetória intelectual e política? Sua produção intelectual sobre a Guerra Fria foi efetivamente importante, ou ele foi efetivamente manipulado por Forrestal para atender a um contexto muito mais amplo de poder?

A Guerra Fria foi um fenômeno histórico de longa duração com características próprias e em vários momentos decisivos, a ação das duas superpotências atingiu picos de forte tensão internacional. Seria possível identificar suas origens apenas nos divergentes interesses econômicos e/ou nas diferenças ideológicas que caracterizam as duas superpotências<sup>11</sup> que emergiram vitoriosas da 2ª. Guerra Mundial, conforme apregoadado pela historiografia tradicional?

Ou, eventualmente, poderia assentar-se em estratégias políticas intencionais, deliberadamente preparadas por membros específicos da *intelligentsia*<sup>12</sup> que compunham uma determinada facção do campo intelectual daquele período?

Analisando-se a questão por meio da metodologia de Bourdieu, este trabalho pretende pesquisar se a *intelligentsia think tank*<sup>13</sup>, materialmente dependente das frações dominantes – delas originária ou com as quais se

---

<sup>11</sup> Estados Unidos e União Soviética

<sup>12</sup> *Intelligentzia* aqui utilizada em seu sentido latino, indicando a existência de uma determinada classe social engajada em trabalho mental e criativo complexo, dirigido ao desenvolvimento de um tipo específico de cultura.

<sup>13</sup> Nominalmente George Kennan, Charles Bohlen, Loy Anderson, Dean Acheson ou James Forrestal, Paul Nitze, dentre muitos outros.

identificava – constituía-se efetivamente de uma fração dominada dessa classe dominante e se, por ser relativamente impotente sob o ponto de vista político, foi instada a submeter sua produção mental aos interesses corporativos do campo político, mesmo que divergissem deles.

No caso de Kennan, especificamente, vale lembrar que quando foi enviado a Moscou na equipe do Embaixador William C. Bullit em 1933, ele era apenas um promissor e dedicado funcionário público oriundo de Milwaukee e membro de uma facção da pequena burguesia local que se destacou por graduar-se em Princeton, N.J., em 1925.

É verdade que, gênio lingüístico, dominava russo, alemão, francês, polonês, tcheco, português e norueguês, além de ter a seu favor um profundo conhecimento da cultura russa em um período histórico que esse capital intelectual seria altamente valorizado, mas por outro lado, não detinha originariamente nenhum outro tipo de capital social ou político no *Establishment* que pudessem recomendá-lo para o papel proeminente que aparentemente exerceu no campo político.

Personagem de segundo ou terceiro escalão, como a produção intelectual de Kennan pode afetar tão intensamente a política externa norte americana - e mundial - por quase cinco décadas? Por que o seu trabalho mental o arremeteu para o primeiro escalão do poder de forma tão meteórica – e como foi relegado ao esquecimento político com a mesma rapidez?

Que tipo de forças foram atendidas – ou confrontadas - por ele e que tipo de poder simbólico estava em jogo? Seriam meros interesses de caráter ideológico e cultural, ou haveria outro tipo de relações de poder se debatendo nos bastidores de Washington?

A busca por respostas adequadas para essas questões e para as muitas outras que angustiam a autora, é o motivo principal desta pesquisa de doutoramento. Para desenvolver um estudo mais próximo possível do real *corpus* da obra política desse agente social que interagiu intensamente com os movimentos históricos de sua era, metodologicamente, o presente trabalho será dividido em três fases.

A primeira etapa terá caráter biográfico e pretende identificar as principais características do campo intelectual que cercava George F Kennan,

buscando inseri-lo na fração adequada à sua formação familiar, acadêmica e social para apreender de forma mais abrangente o campo ideológico do qual ele fazia parte.

Bourdieu (1997) afirma que mesmo as monografias mais exaustivas apresentam lacunas quando são instadas a mostrar documentos que construam a verdadeira estrutura de um determinado estado do campo intelectual ou político, pois como o historiador/biógrafo situa-se desde logo em uma posição privilegiada para resgatar os fatos, isso o induz a só apreender uma porção restrita do horizonte social que cerca seu objeto.

Como não pretendemos incorrer nesse erro, utilizaremos a sugestão de Bourdieu para fugir do enfoque tradicional, reconstituindo o campo intelectual em que Kennan esteve inserido como um sistema de posições pré-determinadas, tendo o cuidado de classificá-lo abrangendo classes de agentes dotados de propriedades específicas e selecionando cada uma delas à medida que suas estruturas sejam diferenciadas.

Ou seja, esta pesquisa deve, a priori, procurar se apoiar no estudo das várias facções que compunham o campo intelectual do momento histórico que o biografado viveu e a partir daí, desenvolver as propriedades específicas que identifiquem cada uma dessas partes, até situar Kennan adequadamente na fração que lhe pertencia.

Uma segunda fase do trabalho implicará na análise da posição de Kennan na estrutura da classe dirigente - ou em relação a ela, já que não fazia parte dela, nem por sua origem, nem por sua condição social. Segundo Bourdieu, essa análise é fundamental para que se possam explicar as propriedades específicas do *corpus* de uma obra, pois ela permite que se estabeleçam relações objetivas entre a fração dos intelectuais em que o biografado foi identificado, tal como se manifestam em seu conjunto - e as diferentes frações das classes dominantes que interagiram com ela.

E finalmente, a última fase metodológica a ser adotada se constitui na construção do *habitus*<sup>14</sup> que cercava Kennan, avaliando o sistema das disposições

---

<sup>14</sup> *Habitus* é um conceito utilizado por Pierre Bourdieu para explicar a capacidade de uma determinada estrutura social ser incorporada pelos agentes sociais por meio de suas disposições para sentir, pensar e agir. Os hábitos só

socialmente constituídas que o cingiram enquanto estruturas estruturadas e estruturantes e gerando dessa forma, o conjunto da prática política e ideológica que lhe permitiu atuar como agente social.

Ainda conforme Bourdieu (1997), essas práticas e ideologias tendem a atualizar-se conforme variem na posição ou trajetória do agente no interior do campo intelectual ou na estrutura da classe dominante e, portanto,

“... à medida que o campo intelectual amplia sua autonomia, aumentando ao mesmo tempo o estatuto social dos produtores de bens simbólicos, os intelectuais tendem progressivamente a ingressar por conta própria no jogo dos conflitos entre as frações da classe dominante. (BOURDIEU, 1997, p.191)”.

Acreditamos que esse conceito poderá ser de grande valia para determinar a movimentação de Kennan nos campos de que atuou como agente estruturante e ao mesmo tempo, permitirá que sejam avaliados os efeitos da estrutura estruturada sobre ele, especialmente as que deverão determinar os principais rumos da Guerra Fria, à sua revelia.

Resultante do aprofundamento de dissertação desenvolvida durante o mestrado, versando sobre o complexo industrial militar norte-americano e seus efeitos na política imperialista daquele país, esperamos que esta pesquisa nos permita estabelecer objetivamente as relações existentes entre a fração dos intelectuais à qual Kennan pertencia e as diferentes frações da classe dominante que se revezavam no poder enquanto ele esteve nelas inserido.

Assim, esperamos ser possível identificar se as relações de forças em jogo na Guerra Fria realmente penderam para o militarismo por uma questão ideológica e econômica (estruturalista) ou se, contrariando o consenso historiográfico, foram consequência da manipulação de uma facção militarista e expansionista que dominava o complexo industrial-militar que havia se fortalecido em Washington

---

se diversificam quando mudam as ações e de fato, todas as ações da mesma espécie se incorporam ao mesmo hábito. Eles podem ser construídos como “um trabalho social de nominação e inculcação, ao término do qual uma identidade social instituída por uma dessas ‘linhas de demarcação mística’ conhecidas e reconhecidas por todos, que o mundo social desenha, inscreve-se em uma natureza biológica e se torna um habitus, uma lei social incorporada.” (BOURDIEU, 2003, p.64)

durante a 2ª. Guerra Mundial e a quem não apetecia ser relegada às sombras com o advento da paz.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATKINSON, Brooks. *America's Global Planner*. In **The New York Times**, Jul.13, 1947

BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o poder**. Trad. Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: ed. UNESP, 1997b.

BOURDIEU, Pierre. *Campo intelectual e habitus de classe*. In **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

\_\_\_\_\_ BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

COLUMBIA UNIVERSITY. *Students Awards for Academic Year 1935-36*. in **The New York Times**, New York, Aug. 18, 1936

GADDIS, J. Lewis. **Strategies of Containment: a critical appraisal of American national security policy during the Cold War**. Revised and expanded edition. New York: Oxford University Press, 2005

GERGEN, David. *Entrevista com George Kennan*. Ocorrida em 18/04/1996 e publicada em *Essays and Dialogues*. Disponível em: <http://www.pbs.org/newshour/gergen/kennan.html>. Acesso em 12/10/2006

GRIFFITS, Martim. *George Kennan*, in **50 Grandes Estrategistas das Relações Internacionais**. São Paulo, Ed. Contexto, 2004. Pg. 40-45

HOLBROOKE, Richard. *The paradox of George F. Kennan*, in **Washington Post**, 21 Mar.2005. Page A19. Disponível em <http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/articles/A52533-2005Mar20.html> . Acesso em 12/05/2006.

HULEN, Bertram D. *Marshall reshapes "team" at the State Department*. In **The New York Times**. New York, Jun. 29, 1947

ISAACSON, Walter. **The wise men: six friends and the world they made.** New York: Touchstone, 1988

JENSEN, Kenneth M. **The origins of the Cold War: the Novikov, Kennan and Roberts 'long telegrams' in 1946.** Revised Edition. USIP Press Books, 1993

KENNAN, George F. **American Diplomacy** (Expanded Edition). Chicago: The University of Chicago Press, 1984.

\_\_\_\_\_ & LUKACS, George. **George F. Kennan and the origins of Containment. 1944-1946: The Kennan/Lukacs correspondence.** Columbia: University of Missouri Press, 1997

\_\_\_\_\_ (X). *The sources of Soviet Conduct*, in **Foreign Affairs**, July, 1947

\_\_\_\_\_ *After the cold war: American Foreign Policy in the 1970s.* In **Foreign Affairs**, October, 1972

\_\_\_\_\_ *America and the Russian Future* (1951). In **Foreign Affairs**, Spring 1990.

\_\_\_\_\_ **Around the Cragged Hill: a personal and political philosophy.** New York: W.W. Norton Inc, 1999

\_\_\_\_\_ *Containment: 40 years later. Containment then and now.* In **Foreign Affairs**, Spring 1987.

\_\_\_\_\_ **Memoirs 1925-1950**, Little Brown and Company, 1992.

\_\_\_\_\_ *Memorandum by the Director of the Policy Planning Staff to the Secretary of State and the Under Secretary of State. PPS23: Review of Current Trends in U.S. Foreign Policy.* Published in: **Foreign Relations of the United States**, 1948, Volume I, pp. 509-529.

\_\_\_\_\_ **Sketches from a life.** New York: W W Norton & Company Inc, 2000

\_\_\_\_\_ *The long telegram.* Answer to **Dept's 284**, Feb. 3, Moscow, Feb. 22. 1946

\_\_\_\_\_. *Two hundred years of American policy: the United States and the Soviet Union: 1917-1976*, in **Foreign Affairs**, July, 1976.

KENNEDY, Paul. *Estabilidade e mudança num mundo bipolar, 1943-1980*, in **Ascensão e queda das grandes potências**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

Kissinger, H *The success and the pain of containment*, in **Diplomacy**. New York: Simon and Schuster Paperbacks, 1994, pg. 446-572

KISSINGER, Henry. *The beginning of the Cold War*, in **Diplomacy**. New York: Simon and Schuster Paperbacks, 1994, pg. 423-445

KROCK, Arthur. *Marshall Plan Genesis*. In **The New York Times**. New York, Oct.1, 1947

LAFEBER, Walter. **America, Russia and the Cold War**. New York: McGraw Hill Publishing Co., 2003

LAWRENCE, W.H. *Tough man for a tough job*. In **The New York Times**, New York, March 17, 1946.

LEFFLER, M **A Preponderance of Power: The Truman Administration, National Security, and the Cold War**. Stanford: Stanford University Press, 1992

LEFFLER, Melvyn. **The Specter of Communism: The United States and the Origins of the Cold War, 1917—1953**. (1994).

LEFFLER, Melvyn. *Remembering George Kennan: Lessons for Today?* Project Report Summary, for United States Institute of Peace. May 04, 2006. Disponível em: [http://www.usip.org/fellows/reports/2006/0504\\_leffler.html](http://www.usip.org/fellows/reports/2006/0504_leffler.html) Acesso 13/10/2006.

MISCAMBLE, Wilson D. **George F. Kennan and the making of American Foreign Policy, 1947-1950**. New Jersey: Princeton University Press, Col. Princeton Studies in International History and Politics, 1992

RESTON, James. *New policy staff will aid Marshall frame his plans*. In **The New York Times**, New York, Apr.25, 1947

SCHLESSINGER, Arthur M., Jr. *Origins of the Cold War*. In **America Since 1945**, edited by David Durner and Robert D. Marcus. New York: St. Martin's Press, 1991.

US DEPARTMENT OF STATE. *Kennan and Containment*. Disponível em: <http://www.state.gov/r/pa/ho/time/cwr/17601.htm> . Acesso em 13/07/2006.

WERTHER, *The architect of the Cold War*, in Counterpunch, out of Bound Magazine. Published in 21 Mar. 2005. Disponível em <http://www.counterpunch.org/werther03212005.html> Acesso em 12/10/2006.

WILLIAMS, William A. *The nightmare of Depression and the vision of omnipotence: the open door policy and the onset of the Cold War*, in **The tragedy of American diplomacy**. New York: WW Norton, 1972. pg. 229-243